

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2024-01-05

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Azevedo, L. (2020). Entre lá e cá: Migração, objetos e memórias. In Elsa Lechner, Graça Capinha, Maria Clara Keating (org.) (Ed.), EM migração EM português: Exílios, retornos, colonizações. (pp. 25-46).: Almedina.

Further information on publisher's website:

<https://www.almedina.net/emigra-o-em-portugu-s-migra-es-ex-lios-retornos-e-coloniza-es-1579460421.html>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Azevedo, L. (2020). Entre lá e cá: Migração, objetos e memórias. In Elsa Lechner, Graça Capinha, Maria Clara Keating (org.) (Ed.), EM migração EM português: Exílios, retornos, colonizações. (pp. 25-46).: Almedina.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

EM PORTUGUÊS EM MIGRAÇÃO:
Migrações, Exílios, Retornos e Colonizações

Índice

Introdução - Elsa Lechner, Graça Capinha, Maria Clara Keating

Parte I – Identidade e memória | Quotidianos.

Capítulo 1

Liliana Azevedo (CIES/ISCTE-IUL)

Entre lá e cá: migração, objetos e memórias.

Capítulo 2

Carlos Nolasco (CES-UC)

Eusébio, a inusitada vida de um futebolista migrante na hora da sua morte.

Capítulo 3

Jacinto Godinho (RTP e FCSH-IUL)

Ser ou não ser eis a questão. O drama dos exilados políticos em França e a ocupação da Casa dos Estudantes Portugueses em Paris no maio de 68.

Capítulo 4

Marie Claire De Mattia (FLUC-UC)

O eu, o corpo, a palavra. identidade, posse e pertença no «caderno de memórias coloniais» de Isabela Figueiredo.

Parte II – Identidade e imaginários | Língua e Literatura.

Capítulo 5

Mario Grangeia (Fundação Biblioteca Nacional, Brasil e Centro Nacional de Cultura, Portugal)

Memórias e imagens literárias da emigração portuguesa para o Brasil.

Capítulo 1

Liliana Azevedo

Entre lá e cá: migração, objetos e memórias

Introdução

Algumas notas preliminares antes de entrar no assunto propriamente dito: i) este texto resulta de um trabalho exploratório que se insere no estudo da corrente migratória para a Suíça, um destino relativamente recente no panorama da emigração portuguesa; ii) situa-se na intersecção de dois campos de estudos que raramente se cruzam, o das migrações e o da cultura material; iii) toda a investigação é situada, pelo que importa clarificar que a observação teve início na família da própria investigadora, filha de um casal português emigrado na Suíça entre 1981 e 2015, cujas memórias também constituem material de pesquisa.

Este trabalho tem como ponto de partida uma reflexão sobre os inúmeros objetos inseridos no espaço doméstico que aludem a uma história individual e familiar de migração, que é também uma história coletiva, a da emigração portuguesa para a Suíça.

As casas de emigrantes contêm todo o tipo de objetos, que remetem para outras geografias e culturas, que carregam memórias e assinalam histórias de vida e relações passadas e presentes, pessoais e familiares. Se, por um lado, “os objetos participam na vida quotidiana, estão omnipresentes e participam nas relações sociais” (Garabua-Moussaoui e Desjeux, 1999 :10), por outro, “acumulam e restituem uma memória social e individual” (Kaufmann, 1997: 111); os objetos constituem, por isso mesmo, um instrumento de pesquisa pertinente para o estudo das dinâmicas migratórias.

O texto começa por situar a pesquisa no campo da cultura material antes de abordar as dinâmicas subjacentes à circulação destes objetos entre os dois países, a Suíça e Portugal, e a relação dos indivíduos com esses objetos que, por um lado, materializam memórias e, por outro, participam de processos de reconfiguração identitária. Por fim, algumas notas metodológicas, com uma breve reflexão sobre o uso da (auto)biografia e da fotografia como métodos de pesquisa.

1. Cultura material: um tema relativamente recente tanto no campo da sociologia como no domínio das migrações

Apesar da omnipresença dos objetos em todas as esferas da vida social – desde a produção ao consumo, passando pela cultura e o espaço doméstico – a sociologia só recentemente se interessou pelo tema da cultura material, contrariamente a outras disciplinas como a antropologia (Schvartz, 2006). Já no século XIX, o antropólogo Lewis Morgan usava os processos técnicos de fabrico dos objetos como forma de classificação das sociedades, das menos às mais evoluídas. O papel dos objetos na evolução técnica e social foi também

amplamente debatido em disciplinas como a arqueologia e a história. No século XX, as teorias difusionistas sucederam à perspectiva evolucionista e interessaram-se pela distribuição geográfica de traços culturais, sejam objetos, sejam usos e costumes. Nesta corrente, insere-se a perspectiva das migrações, que acarreta as ideias de troca, influência mútua e mudança cultural (Julien e Rosselin, 2005).

No campo da sociologia, Baudrillard (1968; 1970), Bourdieu (1979) e de Certeau (1990 [1980]) surgem como referências incontornáveis. Em *O Sistema dos Objetos* e *A Sociedade de Consumo*, Baudrillard analisa a relação de alienação do indivíduo com os objetos e o papel estruturante que o seu consumo tem nas sociedades ocidentais. O consumo diferenciado dos objetos também está presente em *A Distinção*, onde Bourdieu teoriza sobre o gosto, o capital cultural e o *habitus* de classe. Em *A Invenção do Quotidiano*, de Certeau (1990) evidencia a transformação dos objetos através de processos de reapropriação por parte dos indivíduos. Nos anos 90, autores como Latour e Kaufmann defendem a importância de a sociologia considerar os objetos como objeto de estudo porque formam o ambiente material no qual se movem os atores, participando dessa forma nas interações sociais. Kaufmann (1997:121) sustenta até que “alargar a análise das interações aos objetos” contribui para uma melhor compreensão quer dos quadros de socialização e de interação, quer da intervenção dos indivíduos na produção desses quadros, isto é, das articulações entre o indivíduo e a sociedade, dilema clássico da sociologia.

Já no século XXI, Latour (2007: 49) observa que a resistência da sociologia em abordar a cultura material persiste e defende a necessidade de “reintroduzir os objetos, voltar a falar no peso das coisas, dotar os seres inanimados de verdadeiras forças sociais (...) Os objetos fazem qualquer coisa”, afirma, não só desempenham um papel no tecido social, como contribuem para a objetivação da ciência. E conclui que é preciso “tratar as coisas como factos sociais” (Latour, 2007: 56)¹. No entanto, e apesar de algumas incursões sociológicas, a cultura material tem-se mantido o apanágio da antropologia, nomeadamente no domínio das migrações.

2. Cultura material e migrações

Raros são os estudos sobre fenómenos migratórios que se interessaram pelos objetos. São igualmente raros os estudos sobre cultura material que estudam os objetos no contexto migratório (Galitzine-Loumpet, 2013: 4; Basu e Coleman, 2008). Em Portugal, destacam-se autoras como Rosales (2015) e Silvano (2017), que centraram o seu trabalho em classes médias urbanas e em contextos migratórios involuntários – como é o caso das pessoas

¹ Bruno Latour, um dos impulsionadores da teoria do ator-rede, defende o alargamento da categoria “ator” aos elementos não humanos, uma posição controversa e discutida, nomeadamente por Dubois, Michel (2007), “La construction métaphorique du collectif: dimensions implicites du prêt-à-penser constructiviste et théorie de l'acteur-réseau”, *L'Année Sociologique*, 57 (1): 127-150. DOI 10.3917/anso.071.0127

vindas de Moçambique para Portugal no rescaldo do 25 de abril –, à semelhança de Galitzine-Loumpet (2013), que se centrou nos objetos no exílio. Mais recentemente, a cultura material foi também estudada no quadro da emigração transatlântica de jovens qualificados ².

O presente trabalho distingue-se desses na medida em que se centra num contexto de migração laboral de pessoas de origem sobretudo rural, e de nível socioeconómico baixo, o segmento da população que compôs o essencial do fluxo migratório para a Suíça nos anos 1980 (Marques, 2008). Por outro lado, trata-se de um fluxo intraeuropeu e esse é outro elemento distintivo relevante, uma vez que a curta distância entre país de origem e de destino permite um constante vai e vem, bem como a utilização de diversos meios de transporte, destacando-se a importância dos meios rodoviários. O incessante movimento transnacional no espaço migratório Portugal-Suíça permite distinguir essencialmente dois momentos na circulação de objetos: as férias, que constituem a visita anual à família; e o regresso ao país, neste caso em concreto, no momento da reforma ou pré-reforma.

Objetos transportados de lá para cá...

...no momento das férias

Nos primeiros anos do percurso migratório, as viagens eram de comboio, autocarro e, por vezes, avião. Meios de transporte que não permitiam um grande volume de bagagem. Após estar emigrados quatro ou cinco anos, as poupanças já eram suficientes para permitir a aquisição de um veículo próprio e as viagens passaram a ser feitas de carro. Estes emigrantes seguiram de perto a evolução das infraestruturas rodoviárias ibéricas, vendo encurtada a travessia da península à medida que os fundos europeus eram canalizados para a construção de autoestradas, em Portugal e na vizinha Espanha, o que se foi traduzindo num ganho significativo no tempo da viagem. O carro era a melhor solução custo/benefício porque permitia a viagem de toda a família a um custo razoável e, por outro lado, possibilitava trazer muito mais coisas na bagagem do que apenas roupa, calçado e lembranças. Claro que só era uma opção devido a ser uma ligação terrestre de curta distância entre a origem e o destino.

As viagens de carro eram uma verdadeira epopeia, não só porque se passava um dia inteiro na estrada, mas porque era preciso arranjar forma de acomodar na mala do carro os bens pessoais de uma família com uma, duas ou três crianças, e ainda as prendas para os familiares em Portugal, e eventuais encomendas de algum artigo de mais fácil aquisição na Suíça.

Nesses primeiros anos de emigração, as férias preparavam-se com um mês, ou mais, de antecedência. Ir de férias a Portugal representava um certo investimento financeiro porque cada elemento da família alargada esperava que os “suíços” – como passaram a

² Daniela Rodrigues, FCSH/ CRIA, Coisas dos quotidianos transnacionais: circulação de objectos e patrimonialização de cultura em contextos de mobilidade, estudo de caso entre Portugal e o Brasil. Projeto de doutoramento em curso. Financiamento FCT SFRH/BD/52267/2013.

ser tratados os emigrantes naquele país – lhes levassem alguma coisa quando se dava o retorno temporário à terra, a cada verão ou fim de ano. Uma estratégia para manter o orçamento familiar equilibrado, era aproveitar a época dos saldos para comprar os presentes para os avós, tios, tias, primos, primas, vizinhos, etc. O que está em jogo nestas remessas não monetárias é a manutenção dos laços sociais e familiares. O objeto oferecido simboliza o laço social entre dois indivíduos e duas famílias, ao mesmo tempo que materializa essa relação e a inscreve na memória individual e familiar (Garabua-Moussaoui e Desjeux, 1999).

Que objetos transitavam de um país para o outro no momento das férias? Para além do chocolate, que cedo se tornou um clássico na mala das recordações e item obrigatório para cada membro que constava da lista, os artigos que os portugueses da Suíça traziam para os seus familiares eram sobretudo “coisas úteis” e “coisas que havia lá e não havia cá” (excerto de entrevista a mulher de 65 anos, ex-emigrante na Suíça). Outro critério subjacente era a qualidade dos artigos. O “não haver cá” podia querer dizer não haver com a mesma qualidade naquela gama de preços, ou seja, ser mais dispendioso encontrar em Portugal um artigo equivalente. Importa aqui lembrar que o panorama do consumo em Portugal era, nos anos 80 e 90 do século passado, totalmente diferente do que é hoje: grandes cadeias internacionais de roupa, acessórios e coisas para a casa, só se estabeleceram nas grandes cidades portuguesas no início do século XXI³. Nessa altura, era de facto original trazer como prenda uma peça de roupa da H&M e da C&A, sobretudo para as zonas rurais. O leque de produtos trazidos era vasto e diverso: roupa, calçado, relógios, whisky⁴, roupa de casa (por exemplo, edredões, que nessa altura ainda não eram de uso comum nas casas portuguesas) e outros artigos para a casa (como papel de alumínio, outro artigo inexistente nas cozinhas das avós e tias no século passado).

Também se trazia “coisas que a gente estava habituada [a ter na Suíça] e queria para as nossas casas [em Portugal]”, relata uma entrevistada, hoje reformada e regressada à terra natal. “Até arroz trazia nessa altura, não me habituava ao arroz [daqui], e sal miúdo, óleo de soja”, e acrescenta ainda: “Aqui, ou havia e ninguém lhe chegava, porque era muito caro, ou não prestava para nada. E era assim em tudo” (excerto de entrevista a mulher de 65 anos, ex-emigrante na Suíça).

Antes de prosseguir, e para ilustrar o argumento da habituação, veja-se o exemplo de um utensílio de cozinha, que é hoje um objeto banal na maior parte das casas portuguesas, mas que no século passado era ainda desconhecido: o descascador de legumes, mais concretamente o modelo que se assemelha a uma faca, mas cuja lâmina tem um duplo entalhe – denominado “éplucheur économe” ou “couteau économe”, em francês, porque permite retirar apenas a fina película de casca sem retirar também um pedaço do legume ou fruta. O descascador foi um objeto, entre muitos outros que as pessoas emigradas na Suíça traziam, nos anos 1980 e 1990, para oferecer às mães, tias e vizinhas, porque era

³ A multinacional sueca H&M inaugurou a primeira loja em Portugal em 2003, em Lisboa. O IKEA implantou-se em Portugal em 2004.

⁴ Porque “o de cá não era a mesma qualidade, era cortado com água”, conta um ex-emigrante reformado, hoje com 68 anos.

um utensílio que consideravam mais eficiente do que a faca e, portanto, pensavam que as pessoas a quem era oferecido teriam a mesma apreciação. Mas o destino deste presente era muitas vezes o de ficar na gaveta ou desaparecer, em vez de ser incorporado nas práticas diárias de confecção dos alimentos. Esta situação testemunha o afastamento cultural e identitário que se vai criando entre migrante e não migrante, do qual participam os novos objetos e espaços com os quais se relaciona a pessoa que emigrou. A pessoa não migrante prefere continuar a utilizar a faca como sempre fez até então porque, apesar de reconhecer uma utilidade ao novo utensílio, não possui (ainda) destreza suficiente para o manusear eficientemente e, portanto, não considera que seja útil para si. A pessoa migrante não compreende a resistência da outra à utilização de um objeto mais moderno. A manipulação ou, neste caso, a não manipulação do objeto resulta, afirma Kaufmann (1997:113), de um processo de familiarização: “Antes de serem reduzidos ao estado de simples ponto de referência, os objetos, mesmo os mais banais, necessitaram muitas vezes de uma longa aprendizagem. Nomeadamente na infância.” No contexto migratório, aprendem-se novos gestos, apropriam-se novas práticas, adquirem-se novos hábitos que se materializam através de objetos, que passam a integrar o quotidiano dos migrantes.

Neste ponto, importa assinalar que a gestão destes objetos-presentes cabia principalmente às mulheres, sendo elas as primeiras responsáveis pela manutenção das relações familiares e sociais. O seguinte excerto exemplifica a perceção diferenciada que os dois elementos do casal têm da vinda a Portugal nas férias:

Entrevistadora: Nos primeiros anos faziam as viagens de carro, aproveitavam para trazer coisas de lá para cá?

Ele: Claro, claro. Uns chocalatinhos, assim.

Ela: Nem só chocolates. A gente vinha sempre carregados de coisas, com presentes dentro das nossas possibilidades, sempre trouxemos presentes de lá para cá para dar à família. Agora, quando vínhamos de avião é que era menos. A gente vinha com o carro carregadíssimo de presentes. Além dos chocolates, trazíamos sempre... eu tinha listas que fazia de um ano para o outro e depois guardava as listas. Pois não podia trazer nenhuma fortuna porque eram muitos! Eram lembranças [...] Por exemplo, trazia uma camisa de dormir, daquelas acetinadas, que aqui não havia, ou um conjuntozinho [...] Um carrinho telecomandado para os teus sobrinhos.

(excerto de entrevista a um casal reformado, ele 68 e ela 65 anos, ex-emigrantes na Suíça)

As viagens de carro também eram aproveitadas para trazer todo o tipo de comodidades e acessórios para a casa que se estava a construir na aldeia, ou para o apartamento comprado na vila ou cidade de onde se tinha partido, na perspetiva do regresso ao país. Deste transnacionalismo resulta uma acumulação de objetos comprados há duas ou três décadas na Suíça e que foram muito pouco ou nunca utilizados, mas que foram ultrapassados pelos desenvolvimentos tecnológicos e estão fora de moda. Encontram-se nesta situação, por exemplo, todo o tipo de artigos e acessórios de cozinha (loiças, tachos e panelas, pequenos eletrodomésticos como máquinas de café, chaleiras, roupas de casa, etc.). O processo de

construção da casa para se viver no regresso ao país pode assim resultar em anacronismo e obsolescência de alguns objetos trazidos ao longo dos anos, devido ao adiamento do projeto de retorno. Um casal de emigrantes ainda residentes na Suíça, ele com 70 anos e ela com 64, ambos inativos, conta que chegou a trazer para Portugal, nos anos 1990, o enxoval da filha – que ainda hoje lá se encontra, encaixotado – porque o projeto dos pais era regressar quando concluíssem a construção da casa e não concebiam nessa altura que a filha pudesse não regressar com eles.

As práticas aqui descritas foram-se alterando ao mesmo tempo que os contextos sociais e económicos. A partir de finais dos anos 1990, com a redução de custos dos meios aéreos, mas sobretudo com o surgimento das companhias *low cost*, tornou-se mais comum ir de férias a Portugal um maior número de vezes ao longo do ano e fazer estadias curtas, nomeadamente para tratar assuntos relacionados com a família ou a casa. Por um lado, não era sustentável trazer presentes para toda a família a cada viagem. Por outro lado, as crianças da família alargada tinham crescido, o poder aquisitivo de quem tinha ficado no país tinha melhorado e também começou a surgir por cá a oferta de artigos até então disponíveis somente no mercado internacional. Ao longo dos anos, a gama de produtos que circulava de lá para cá nas malas das famílias emigradas foi, portanto, sendo progressivamente restringida, nomeadamente aos chocolates e ao queijo, produtos icónicos da terra de emigração.

No caso de famílias em que a primeira geração regressou a Portugal, e cujos filhos e netos continuam a residir na Suíça, observa-se a continuidade desta prática de consumo transnacional. Quando vêm visitar os pais, trazem queijo para fazer uma “*raclette*” ou uma “*fondue*”, enchidos, vinho, biscoitos e rebuçados de marcas suíças que não estão internacionalizadas e, por vezes, produtos diferenciados, comprados no mercado local ou num pequeno produtor. Os objetos são aqui alimento – no sentido figurado e literal – de relações familiares transnacionais cujos laços contribuem para manter. Para os pais, é a oportunidade de reencontrar sabores conhecidos, apropriados ao longo de anos de emigração, que já fazem parte da própria identidade do e da emigrante. É também o prazer de partilhar uma refeição tipicamente suíça com quem viveu uma experiência migratória semelhante ou de dar a conhecer aos não migrantes no país de origem. “Tal como as famílias, também os seus objetos, hábitos e gostos percorreram espaços e temporalidades”, salienta Rosales (2015: 43).

... no momento do retorno

No quadro do projeto de doutoramento em curso⁵, focado nos percursos de vida de emigrantes portugueses na Suíça em idade da reforma ou pré-reforma, a investigadora tem estado a realizar entrevistas aprofundadas a casais que regressaram recentemente a Portugal nesta fase da vida. Quando emigraram para a Suíça nos anos 1980, as pessoas

⁵ Entre outros objetivos, o projeto visa identificar os fatores que influenciam a decisão de fixação na Suíça, de regresso a Portugal ou de eventual circulação entre países no momento da reforma.

entrevistadas levaram geralmente consigo apenas uma mala com alguns pertences pessoais. A migração em sentido contrário, após várias décadas em que foram acumulando todo o tipo de coisas nas suas casas no estrangeiro, obriga a uma seleção daquilo que se leva e daquilo que se deixa. A decisão em relação ao destino a dar a cada objeto, a cada móvel, a cada bugiganga, a cada papel, faz parte do processo de planeamento do regresso a Portugal. De assinalar que está inerente ao retorno a perda de uma certa materialidade constitutiva do quotidiano migrante (Silvano, 2017), desde já o apartamento/casa na qual se viveu anos, por vezes décadas.

No momento de escolher os “objetos eleitos” (Rosales, 2015: 302), observa-se todo o tipo de práticas: desde levar praticamente nada a levar praticamente tudo. Alguns casais optaram por dar quase todo o mobiliário que tinham, mesmo que a sua casa em Portugal ainda não estivesse integralmente mobilada, e trazer consigo as coisas que mais valorizavam como loiças, vinho, plantas, ferramentas. Outro casal optou por trazer quase a totalidade dos seus pertences: alguns móveis eram relativamente recentes e de boa qualidade e, portanto, “valia a pena” trazê-los; outros, apesar de menor valor material e menor qualidade, podiam, no entanto, ser “aproveitados” nos anexos da casa que iam sofrer obras. A distância curta entre dois países e a existência de empresas de transportes que fazem diariamente o trajeto, a um custo razoável, facilita este transnacionalismo material.

Em todos os casos, as famílias emigradas na Suíça que regressam a Portugal trazem consigo um ou dois veículos, na maior parte das vezes por motivos económicos (é mais oneroso comprar um carro em Portugal), mas por vezes também por motivos sentimentais (trazendo um carro que tem alguns anos ou com bastantes quilómetros, em vez de um carro comprado recentemente).

Ela: O que a gente trouxe foi os carros e a moto e as coisas da garagem dele, ferramentas com fatura. E o que é que foi mais? Loiças que eu tinha lá que nunca usava, novas, isso trouxe, não foi para mim, foi para dar à minha irmã e à minha mãe. [...]

Entrevistadora: Também trouxe alguns móveis?

Ele: Não, foi só o sofá.

Ela: Por causa da cama....

Entrevistadora: Quando foram para lá, compraram móveis, mas não era a pensar ficar?

Ela: Pois.

Entrevistadora: E, portanto, os móveis que tinham também não eram móveis...

Ela: Não, não eram assim de muito boa qualidade. Aqueles móveis, não valia a pena a gente vir carregada com aquilo. O sofá, sim, porque foi um sofá que mandámos fazer e era de couro. Foi caríssimo e valia a pena porque a cama era boa.

(excerto de entrevista a um casal reformado, ele 68 e ela 65 anos, ex-emigrantes na Suíça)

Que coisas circulam entre os dois países? Qual a sua proveniência? São objetos pessoais, objetos relacionados com a esfera doméstica, a esfera do trabalho, a esfera do lazer? Qual o destino desses objetos? Ficam na posse do próprio indivíduo que os transporta, são oferecidos a terceiros? Participam da vida doméstica, são exibidos ou armazenados em recantos da casa não acessíveis ao público?

Geralmente, transitam de um país para o outro objetos que revestem um carácter significativo aos olhos do indivíduo. E as dimensões significativas para uma pessoa poderão não o ser para outra, de modo que é o contexto que dita quais serão os objetos eleitos. Rosales (2015) salienta que, em contextos em que se dá uma partida definitiva, um exercício de avaliação e seleção dos objetos que as famílias realizam inclui uma projeção face a quotidianos futuros, processo durante o qual reapreciam a importância de cada objeto.

Que critérios determinam quais as coisas que têm um valor significativo e irão viajar de um país para o outro? Observa-se diferentes lógicas por detrás destes exercícios de avaliação: em certos casos, são valorizados objetos com valor material (por exemplo, um sofá caro e de boa qualidade) ou objetos com valor simbólico (por exemplo, plantas ornamentais, representativas da cultura suíça). Noutros casos, está presente uma lógica de aproveitamento e reutilização, valorizando-se também objetos que, apesar de já usados e de pouco valor material ou simbólico, possuem um valor de uso e podem ainda ter alguma utilidade no novo contexto de vida.

No seguimento de um primeiro levantamento, não exaustivo, de objetos transportados no momento da migração de regresso, faz-se aqui um esboço de tipologia dos mesmos.

Utilitários	Veículos	Carro, moto
	Mobiliário	Sofá, cama, estante, mesa, etc.
	Equipamentos e eletrodomésticos	TV, computador, rádio, máquina de café, ferro de engomar, etc.
	Utensílios	Loiça, talheres, roupa de casa, ferramentas, etc.
Consumíveis	Produtos comestíveis	Chocolate, queijo, enchidos, biscoitos, açúcar, sal, etc.
	Produtos de higiene e saúde	Champô, cremes, medicamentos
Simbólicos	Objetos culturais	Livros, CD, DVD, VHS
	Objetos decorativos	Quadros, bugigangas, plantas ornamentais, etc.

Observa-se uma grande diversidade de objetos transnacionais, isto é, objetos que circulam num espaço migratório, e que, neste caso concreto, foram adquiridos no país de emigração e transportados para o país de origem, devido ao seu valor monetário, valor simbólico ou valor de uso. Deste quadro estão ausentes objetos pessoais, tais como roupa, calçado, documentos, fotografias.

Certos objetos assinalam vidas de trabalho, por exemplo, um relógio de parede, uma mesinha de cabeceira, um jarrah, uma máquina de costura, talheres de prata, loiças, todo um conjunto de bens que pertenciam a uma senhora cujo apartamento se esvaziou integralmente e limpou, ou aqueles dois bustos oferecidos por uma antiga patroa. Estes objetos, relacionados com a esfera do trabalho da pessoa migrante (limpezas de apartamentos), acabam transferidos de um espaço doméstico para outro espaço doméstico separado por milhares de quilómetros.

Outros objetos indicam relações de vizinhança: “esta jarrinha, foi uma senhora lá no prédio que ma deu”, ou relações familiares: “esta cómoda foi o tio que a não queria, tinha-a comprado, já não precisava, deu-a” (excerto de entrevista a mulher de 65 anos, ex-emigrante na Suíça), e permitem tecer redes de solidariedade existentes no contexto migratório.

Appadurai (1986) sugere acompanhar as trajetórias dos objetos para se alcançar o significado que os atores lhes atribuem. Desta forma, observa-se que a circulação dos objetos tanto se faz através de circuitos de mercantilização como fora deles e que existe um circuito de trocas e de ofertas, nomeadamente entre migrantes, mas também entre pessoas de grupos sociais diferentes (por exemplo, patrão/patroa-empregada, sobretudo no setor dos serviços domésticos).

Entrevistada: O colchão, que é um colchão bom, veio do lixo, do fundo da rua. (...) As cortinas vieram da *gendarmarie* [local de trabalho, onde fazia limpezas nos anos 90] e mais os candeeiros que estão na sala. Era da sala de conferências, que eles modificaram, era tudo para deitar fora.

Entrevistadora: E vocês aproveitavam.

Entrevistada: Claro. A *concierge* que estava lá ficou com coisas e deu-me coisas. Não precisava. Portanto, trouxe-as [as cortinas], eram grandes para aqui, mandei-as arranjar e pu-las aí. [...] Esta mesinha de cabeceira foi uma chinesa que ma deu, vivia lá no prédio, com uma estante torcida que havia.

Entrevistadora: Portanto, muitos destes móveis nem sequer foram comprados?

Entrevistada: Não. Aqui [no escritório], o que foi comprado aquilo e a *imprimante* que está aqui e aquele módulo de gavetas, de resto, não foi nada.

(excerto de entrevista a mulher de 65 anos, ex-emigrante na Suíça)

À semelhança de Galitzine-Loumpet (2013), que relaciona os objetos com a temporalidade do exílio, é possível identificar três fases na experiência migratória de regresso: pré-regresso, regresso, pós-regresso. A cada uma destas fases corresponde um processo associado aos objetos (seleção, transporte, instalação) e diferentes tipos de ação:

	Pré-regresso	Regresso	Pós-regresso
Processo	Seleção dos objetos	Transporte dos objetos	Instalação
Ações	escolher, encaixotar, oferecer, vender, abandonar, deitar fora, ...	contratar serviço de transportes	conservar, expor, armazenar, deitar fora, vender, ...

O destino dado aos objetos depende dos significados que carregam consigo. Esses significados são socialmente construídos e podem alterar-se ao longo do tempo, de acordo com o uso que lhes é dado (Woodward, 2007; Garabua-Moussaoui e Desjeux, 1999). Para além de uma função que lhes possa ter sido atribuída aquando da sua conceção e comercialização, os objetos sofrem adaptações ao longo da sua vida e assumem por vezes novas funções, devido à manipulação do indivíduo e à sua deslocação para outro contexto (Galitzine-Loumpet, 2013; Julien e Rosselin, 2005). “[O] objeto é o recipiente de significações, representações, memória, lembranças, sentimentos, afetividade, *mas somente na medida em que o ator social as coloca metaforicamente no objeto*”, ressaltam Garabua-Moussaoui e Desjeux (1999: 10; destaque nosso). Um objeto pode assim passar da categoria “utilitário” para a categoria “simbólico”; é, por exemplo, o caso de um carro de uma marca de luxo que um ex-emigrante trouxe há cerca de dez anos, quando regressou da Suíça depois de se ter reformado, mas ao qual não dá uso porque é um veículo pouco prático para as deslocações do dia-a-dia e que consome muito gasolina, mas que simboliza o auge de uma vida de trabalho lá fora.

Objetos transportados de cá para lá

A circulação dos objetos não é unidirecional. Para além das coisas que se trazem de lá para cá, há também coisas que se levam de cá para lá.

Voltando às viagens de carro durante as férias, a bagageira do carro vinha “atulhada”, mas também ia bastante cheia. Sobretudo com artigos comestíveis, como vinho, enchidos, cebolas, batatas, azeite, queijo, entre outros. O transporte deste tipo de bens para a terra de emigração vai para além do consumo da saudade. São produtos conhecidos, considerados de melhor qualidade e mais baratos quando comparados com os que estão disponíveis nas lojas suíças. São essencialmente para consumo próprio, mas são também objetos de troca em relações de poder – um Vinho do Porto que se oferece ao patrão – ou objetos que alimentam relações de reciprocidade – um queijo que se oferece a amigos de outras regiões do país ou de outras nacionalidades.

Entrevistadora: E daqui aproveitavam para levar coisas?

Ele: Levar queijos, linguiças, estas coisas...

Ela: Hm... nunca fomos de levar muito dessas coisas, não. Não. Era mais assim uma garrafa de Moscatel ou duas, vinho do Porto.

Entrevistadora: E de avião também?

Ela: Mesmo de avião! Mesmo de avião, chegámos a... mesmo nestes últimos anos, levávamos à mesma.

Entrevistadora: E levavam às vezes para dar a conhecer?

Ele: Exatamente. Às vezes iam lá a minha casa...

Ela: Ele às vezes levava para o trabalho, levava também para oferecer lá aos amigos. Eu até, essa minha colega que agora se veio embora, quase sempre ela me trazia um queijinho de Seia, que ela é ali do lado de Viseu. Eu dava-lhe um queijinho [aqui da região] por exemplo. Fazíamos isso. Era normal para a gente. Ainda hoje, não vou à Suíça sem levar queijos e linguiças. É para a minha filha, para a minha prima, tenho lá uma prima, também vou sempre visitar e também dou sempre. Levávamos bolo-rei na altura do Natal.

(excerto de entrevista a um casal reformado, ele 68 e ela 65 anos, ex-emigrantes na Suíça)

Levar consigo alimentos do país de origem é uma prática transnacional e transgeracional. Evidencia o papel de suporte afetivo dos objetos, mas também de suporte identitário, nomeadamente dos produtos da terra: “o alho não é secado da mesma forma, as especiarias têm um sabor diferente”, conta uma jovem luso-suíça de 35 anos, cujos pais, regressados a Portugal há três, têm por hábito mandar-lhe regularmente produtos regionais, tais como azeite, mel, amêndoas e nozes, através das empresas de transportes que se especializaram na rota Portugal-Suíça.

3. Materialização das memórias da experiência migratória

A vida dos objetos não está separada da vida das pessoas que os possuem. Estudar os objetos é uma forma de revelar elementos neles incorporados, para além do uso que possam ter, e que nem sempre são verbalizados pelas pessoas (Woodward, 2007). Questionar um indivíduo sobre determinado objeto que transporta consigo ou que tem em sua casa poderá facilitar a partilha de elementos biográficos, de memórias individuais, familiares e coletivas, de laços sociais simbolizados por esse mesmo objeto.

O objeto revela-se património, na medida em que expressa uma relação pessoal com o passado. Esteja exposto ao olhar do visitante ou guardado numa gaveta, num armário, numa cave ou numa garagem, tem o poder de evocar memórias, “de restituir representações de países dos quais se partiu e expectativas quanto ao futuro, de representar o migrante e o exilado” (Galitzine-Loumpet, 2013:4).

Os objetos levados de um país para o outro contribuem para materializar as memórias de um percurso migratório, são elementos de significação e ressignificação de uma história ao mesmo tempo singular e plural. “Os objetos participam simultaneamente da preservação da memória coletiva de uma sociedade e da preservação da memória individual” (Kaufmann, 1997:115).

Através dos objetos provenientes de outra(s) geografia(s) e cultura(s), o indivíduo narra a sua vida migrante, a sua trajetória social e profissional. Mobiliário, utensílios, veículos e outros objetos de uso quotidiano participam do processo de “apresentação do eu na vida de todos os dias” (Goffman (1993) [1953]). Os objetos e o próprio espaço habitacional são marcadores do percurso e da identidade. As casas de emigrantes, que contribuíram em grande medida para a “urbanização do habitat rural” (Raposo, 2013: 169) em Portugal, foram sendo adaptadas de acordo com os modelos de referência além-fronteiras e passaram a incorporar aquecimento central, vidros duplos e outros elementos associados a um padrão de conforto que se tornou normativo para estes migrantes. O objeto “casa” testemunha um percurso social diferente de quem ali habita, materializa a migração e os hábitos/habitus adquiridos fora.

4. Algumas notas metodológicas

Termino com alguns apontamentos sobre a metodologia utilizada. O trabalho exploratório cujos resultados provisórios foram aqui apresentados baseia-se em observação participante, registo fotográfico e entrevistas a emigrantes que residem ou residiram na Suíça entre os anos 1980 e a presente década. Procurou-se saber que objetos estas pessoas traziam para Portugal quando vinham de férias durante o período que viveram fora, o que trouxeram quando regressaram ao país, o que os motivava a trazer esses objetos, para quem os traziam, entre outras questões. Foi pedido às pessoas para falarem sobre os objetos que tinham expostos em casa: quadros afixados às paredes, objetos em cima de um móvel, ferramentas penduradas no anexo do jardim, etc.

As entrevistas baseiam-se na recolha de narrativas de vida, os *récits de vie* de que fala Bertaux (2016) [1997]. Permitem estudar “cursos de ação” (p.7) – isto é, uma ação ao longo do tempo –, que por sua vez constituem um modo de compreensão dos contextos socio-históricos.

Concordando com Silvano (2017), que a análise etnográfica permite revelar a complexidade da relação entre indivíduos e objetos, recorreu-se também à observação participante e ao registo fotográfico.

A perspetiva (auto)biográfica e a fotografia como métodos de pesquisa

A narração biográfica está na interseção entre o que o indivíduo vive e o que diz daquilo que viveu, remete mais para a ideia que tem da sua vida, para a sua capacidade de reflexividade do que para a própria vida (Gadras, 2016).

Os objetos são elementos não textuais da narração e, no caso que nos interessa, testemunham do percurso migratório. Uma mulher em fase de pré-reforma, regressada a Portugal há cerca de três anos, fala sobre os quadros que se encontram pendurados no corredor que vai da cozinha ao quarto e, da explicação sobre a origem destas pinturas que representam paisagens alpinas e diversos monumentos helvéticos – “quem mos deu foi uma senhora para quem trabalhei” –, decorre uma narrativa sobre a sua trajetória profissional e o seu estatuto socioeconómico na sociedade suíça.

A perspetiva biográfica insere-se na tradição da sociologia compreensiva que coloca o enfoque no sentido que é dado pelos indivíduos aos processos sociais. Abordagem complementar a outros métodos, qualitativos e quantitativos, permite dar espessura à realidade, a dimensão diacrónica possibilita ainda dar visibilidade a processos que podem passar despercebidos noutras abordagens (Collet e Veith, 2013).

Para além das histórias narradas pelos sujeitos entrevistados, a investigadora recorreu ao método fotográfico para fazer um levantamento sistemático dos objetos, recolhendo dezenas de imagens, em complemento do diário de campo, para análise posterior ao momento da observação. Este é um dos métodos sugeridos por Mauss (1967 [1947]: 19) no seu *Manual de Etnografia*: “Todos os objetos devem ser fotografados, de preferência sem pose. (...) não se fazem nunca demasiadas fotos, à condição que todas sejam comentadas e situadas de forma exata: hora, lugar, distância”.

Foi este registo fotográfico que possibilitou a apresentação de alguns dos objetos aqui falados no Colóquio Internacional Histórias, Memórias e Novas Narrativas da/na Emigração, que se realizou na Fundação Calouste Gulbenkian a 23 e 24 de julho de 2018.

Conclusão

Diferentes formas de mobilidade dão lugar a diferentes materialidades migrantes (Basu e Coleman, 2008). A vivência migratória e as mudanças culturais e identitárias experienciadas por estes migrantes económicos ao longo de décadas foram-se materializando, nomeadamente, nas suas práticas de consumo. O contexto migratório intraeuropeu possibilitou uma circulação regular entre país de origem e de destino, criando um espaço relacional transnacional que, por sua vez, potenciou inúmeras trocas - materiais, mas não só - entre os dois países, com impacto tanto na vida de quem migrou como na vida de quem ficou. Para além das transferências financeiras, outro tipo de remessas, sob a forma dos mais variados bens, transita do país de destino para o país de origem, tanto para uso próprio como para oferecer (nomeadamente à família alargada).

Os objetos que adornam as casas de emigrantes e resultam da sua experiência transnacional e transcultural constituem um corpus relevante para quem investiga na área das migrações. Estes objetos permitem narrar trajetórias de vida, mas também compreender o contexto social dos fluxos migratórios. Ambos, objetos e narrativa biográfica, participam do processo de objetivação da migração e testemunham “uma

história pessoal e coletiva, à escala da experiência vivida, de um pedaço de vida ou de uma vida inteira” (Collet e Veith, 2013: 39).

Como vimos, uma grande heterogeneidade prevalece na quantidade de objetos transnacionais presentes nos espaços domésticos das famílias emigrantes que regressaram a Portugal. Diferentes lógicas predominam no processo de seleção dos objetos que se transportam de um país para o outro, e no papel atribuído a esses mesmos objetos no destino, que outrora foi origem – dando-se, no momento do regresso, a permuta entre “espaço primário” e “espaço secundário”, de que fala Remy (2016: 7), uma dupla espacialidade na qual se movem os migrantes e dentro da qual realizam transações sociais, como as que foram aqui citadas.

Os objetos podem ser utilizados ou apenas exibidos. Também podem ficar ocultos, encaixotados ou fechados em armários, caves, sótãos ou garagens, consoante a função e significado que assumem no novo contexto. Por outro lado, possuem uma capacidade de incorporar significados distintos dos que lhes foram atribuídos na fase de produção e comercialização e podem, por isso, ser manipulados, apropriados e reconvertidos, e o seu uso subvertido (Rosales, 2015; Garabuau-Moussaoui e Desjeu, 1999).

A um nível microsocial, a análise dos objetos é útil não só para compreender a vida quotidiana e as relações sociais entre os indivíduos, como para aceder aos “mundos migrantes” (Basu e Coleman, 2008: 313). “O interesse não está em focalizar-se nos objetos apenas, mas está em utilizá-los para compreender o contexto social no qual se movem (ou ficam estáticos), para captar as dinâmicas das interações sociais, a sua evolução no tempo” (Garabuau-Moussaoui e Desjeu, 1999: 19).

Através dos objetos, os atores exprimem a sua experiência migratória, revelam memórias, circuitos de afetividade, relações de reciprocidade e de poder, sentimentos de pertença múltipla e identidades reconfiguradas. Analisar os objetos e os espaços/contextos pelos quais circularam, permite “pensar o social na sua materialidade” (Remy, 2016: s/p), mas também as migrações na sua materialidade. A forma como as identidades de classe e de género, por exemplo, se manifestam nessas materialidades podem constituir pistas de reflexão para futuro.

Referências bibliográficas

Appadurai, Arjun (1986), “Introduction: commodities and the politics of value”, Appadurai, Arjun (org.), *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 3-63.

Basu, Paul; Coleman, Simon (2008), “Introduction: Migrant Worlds, Material Cultures”, *Mobilities*, 3, 313-330.

Baudrillard, Jean (1968), *Le système des objets*. Paris : Gallimard.

Bertaux, Daniel (2016), *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin. [4.^a ed.; orig. 1997].

Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction : critique sociale du jugement*. Paris : Editions de Minuit.

Collet, Beate ; Veith, Bandine (2013), “Les faits migratoires au prisme de l’approche biographique”, *Migrations Société*, 25(145), 37-47.

De Certeau, Michel (1990), *L’invention du quotidien. Arts de faire*. Paris : Gallimard. [2.^a ed.; orig. 1980].

Julien, Marie-Pierre ; Rosselin Céline (2005), *La culture matérielle*, Paris: La Découverte.

Gadras, Mike (2016), “Méthodologie d’une étude en recherche biographique portant sur les migrants précaires”, *e-Migrinter*, 14. Consultado a 22.10.2018 em <http://journals.openedition.org/e-migrinter/726>

Galitzine-Loumpet, Alexandra (2013), *Pour une typologie des objets de l’exil*, FMSH-WP-2013-46. Consultado a 16.10.2018 em <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00862480/document>

Garabua-Moussaoui Isabelle ; Desjeux, Dominique (1999), “Introduction”, em Garabua-Moussaoui Isabelle ; Desjeux, Dominique (orgs.), *Objet banal, objet social : Les objets quotidiens comme révélateurs des relations sociales*. Paris: L’Harmattan, 6-24.

Goffman, Erving (1993), *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d’Água. Tradução de Miguel Serras Pereira. [2.^a ed.; orig. 1953].

Kaufmann, Jean-Claude (1997), “Le monde social des objets”, *Sociétés contemporaines*, 27, 111-125. Consultado a 22.10.2018 em https://www.persee.fr/doc/socco_1150-1944_1997_num_27_1_1466

Latour, Bruno (2007), “Une sociologie sans objet ? Note théorique sur l’interobjectivité”, em Debary, Octave ; Turgeon, Laurier (dir.), *Objets & mémoires*, Paris e Québec : Éditions de la Maison des sciences de l’homme e Les Presses de l’Université Laval, 37-57.

Mauss, Marcel (1967), *Manuel d’ethnographie*. Paris: Petite Bibliothèque Payot. [2.^a ed.; orig. 1947].

Marques, José Carlos (2008), *Os Portugueses na Suíça. Migrantes Europeus*. Lisboa: ICS.

Raposo, Isabel (2013), “A urbanização da paisagem rural e o papel das casas de emigrantes”, em Lopes Cardoso, Isabel, *Paisagem e património: aproximações pluridisciplinares*. Porto: Dafne Editora.

Rey, Jean (2016), “Spatialité du social et transactions”, *SociologieS*. Consultado a 18.10.2018 em <https://journals.openedition.org/sociologies/5354>

Rosales, Marta (2015), *As coisas da casa – Cultura Material, Migrações e Memórias Familiares*. Lisboa: ICS.

Schvartz, Agathe (2006), “Les objets et la sociologie”, *Idées économiques et sociales*, 143, 54-59. Consultado a 12.10.208 em <http://www.educ-revues.fr/ID/AffichageDocument.aspx?iddoc=34932>

Silvano, Filomena (2017), “Des choses qui ont traversé des océans : sur la matérialité des transactions identitaires”, *Pensée Plurielle*, 45 (2), 61-75.

Woodward, Ian (2007), *Understanding material culture*. London: SAGE Publications Ltd.

Capítulo 2

Carlos Nolasco

*Eusébio, as ruturas biográficas na inusitada vida de um futebolista migrante*⁶

O futebol é abundante em histórias de vida. Por virtude de exacerbadas paixões identitárias, a encenação dramática do jogo permite que jogadores virtuosos, ou que foram capazes de atos desportivos relevantes, se convertam em heróis. A vida desses jogadores é então narrada de forma superlativa e apologética, exaltando-se a sua capacidade desportiva, a dimensão heróica dos seus feitos, a plasticidade dos seus gestos, a sua capacidade de superação e aura de campeões. Celebrados com hipérboles, “os heróis da bola estão para lá da bitola comum: têm a ambiguidade de todos os heróis, serem semi-humanos e semidivinos, instalados num mundo à parte, onde tudo é enorme e exemplar

⁶ Texto realizado no âmbito do projeto de pós-doutoramento na área das Migrações de Trabalho Desportivo, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (referência SFRH/BPD/95320/2013)